

Lisa
Kleypas
SEDUÇÃO
INTENSA

Tradução de
Cláudia Ramos e Helena Ramos

Prólogo

Londres, 1843

As duas jovens senhoras mantinham-se à porta da perfumaria, uma puxando impacientemente o braço da outra.

– Temos *mesmo* de entrar aqui? – quis saber a mais nova, num cerrado sotaque americano, enquanto resistia aos firmes intentos da outra em entrar. – Aborreço-me de morte nestes sítios, Lillian... Costumas passar horas perdidas ali dentro a *cheirar* coisas...

– Então porque não me esperas na carruagem com a criada?

– Isso ainda me aborrece mais! Além de que não é suposto eu deixar-te entrar sozinha onde quer que seja. Sem mim metes-te em sarilhos, já sabes.

A mais alta riu-se num tom descarado e pouco próprio de uma senhora, enquanto entrava na loja.

– A tua ideia não é manteres-me afastada de sarilhos, Daisy. O que não queres é ficar de fora, caso isso aconteça.

– Infelizmente, não há a menor promessa de aventuras numa perfumaria – foi a resposta pronta da irmã.

A frase provocou algures um risinho contido, e as duas jovens voltaram-se para encarar o velhote de óculos, de pé, atrás do longo e gasto balcão de madeira escura.

– Está absolutamente segura disso, Miss? – perguntou, sorrindo-lhes calorosamente. – Há quem acredite que os perfumes são mágicos. A fragrância de algo representa a sua essência mais pura. E determinados aromas conseguem despertar fantasmas de amores passados, de doces reminiscências.

– Fantasmas? – estranhou Daisy, provocando na outra um comentário impaciente.

– É uma maneira de dizer, querida. Os perfumes não convocam fantasmas. Nem tão-pouco são mágicos. São apenas uma mistura de partículas aromáticas que viajam até aos recetores olfativos do nosso nariz.

O velhote, Mr. Phineas Nettle, observou as jovens com visível interesse. Nenhuma delas era convencionalmente bonita, mas eram ambas admiráveis, de pele muito branca, cabelo escuro, e com aquele tipo de *feições limpinhas* que pareciam inerentes às raparigas americanas.

– Por favor... – disse ele, convidando-as com um gesto a aproximarem-se de uma estante ali perto. – Esteja à vontade para conhecer os meus artigos, Miss...

– Bowman – esclareceu a mais velha em tom agradado. – Lillian e Daisy Bowman.

Lillian lançou um olhar de relance para uma senhora loira e elegantemente vestida que o velhote atendia – e que pareceu querer transmitir-lhe a ideia de que ele não estava ainda disponível para as servir.

Enquanto a indecisa cliente estudava longa e atentamente a profusão de frascos de perfume que Nettle lhe pusera à disposição, as jovens americanas dedicaram-se a percorrer as prateleiras de perfumes, colónias, cremes, sabonetes e tantos outros artigos de beleza. Havia óleos de banho em frasquinhos de cristal arrolhados, pequenas latas de unguentos à base de plantas, caixinhas de pastilhas para o hálito em tons violeta. As prateleiras mais baixas estavam destinadas às tintas, velas de cheiro, bolsas de saís com fragrância a cravo, frascos de *pot pourri* e os mais variados potes de pastas e bálsamos. Ainda assim, Nettle reparou que, enquanto a mais nova, Daisy, olhava os artigos apenas por mera curiosidade, a outra, Lillian, parara em frente a uma prateleira com óleos e extratos de essências puras como rosa, pluméria, jasmim, tangerina e muitas mais. A jovem ia abrindo cuidadosamente cada frasco, cheirando-o com visível agrado.

Eventualmente a cliente loira fez a sua escolha, um pequeno frasco de perfume, pagou e saiu, fazendo soar a alegre campainha por cima da porta.

Lillian ficou a vê-la sair e murmurou, quase para si mesma:

– Pergunto-me por que razão tantas senhoras de cabelo claro cheiram a âmbar...

– Referes-te ao perfume de âmbar? – perguntou Daisy.

– Não... é a própria pele. Cheira a âmbar e, por vezes, a mel...

– Que diabo queres dizer com isso? As pessoas não cheiram a coisa nenhuma, a não ser que necessitem manifestamente de tomar um banho.

As irmãs entreolharam-se com o que pareceu ser uma expressão de mútua surpresa.

– Cheiram, sim – insistiu Lillian. – Toda a gente tem um cheiro próprio... não me digas que nunca reparaste? Há pessoas cuja pele cheira a violeta ou a amêndoa amarga, enquanto outras...

– Outras cheiram a pêssego, a seiva de palmeira ou a feno acabado de cortar – comentou Nettle.

Lillian olhou-o com um sorriso satisfeito:

– Sim, precisamente!

Nettle tirou os óculos e limpou-os com todo o cuidado, enquanto a sua mente fervilhava de interrogações. Seria possível? Poderia aquela rapariga detetar *de facto* o odor intrínseco de alguém? Ele próprio conseguia fazê-lo – mas era um dom raríssimo de observar, e ainda mais numa mulher!

Retirando da sua bolsa bordada a contas uma folha de papel dobrada em duas, Lillian aproximou-se dele:

– Tenho aqui a fórmula para um perfume – disse, estendendo-lhe o papel –, ainda que não esteja muito certa das doses exatas dos ingredientes. Ser-lhe-ia possível prepará-la para mim?

Nettle abriu a folha e estudou atentamente a lista de ingredientes, com as sobrancelhas levemente erguidas, antes de finalmente observar:

– Uma mistura muito pouco convencional, diria... mas muito interessante. Julgo que poderá resultar na perfeição. – Observou-a com interesse acrescido: – Permita-me perguntar-lhe como obteve esta fórmula, Miss Bowman...?

– Inventei-a. – Um sorriso franco suavizou-lhe as feições. – Tentei imaginar quais os odores mais eficazes para a minha própria alquimia. Se bem que, como já referi, não consiga determinar as doses certas.

Erguendo o olhar para disfarçar um certo ceticismo, o velhote leu a fórmula uma vez mais. Era frequente uma cliente entrar-lhe na loja e pedir-lhe que criasse um perfume que contivesse uma essência predominante, como lavanda ou rosa, mas nunca ninguém lhe apresentara uma lista assim.

Ainda mais curioso era o facto de aquela seleção de fragrâncias ser pouco usual e harmoniosa ao mesmo tempo. Talvez tivesse sido mera coincidência da parte dela, mas...

– Miss Bowman – disse ele, curioso por saber até que ponto se estendiam as suas capacidades –, permite-me que lhe mostre alguns dos meus perfumes?

– Sim, com certeza – disse Lillian alegremente.

Aproximou-se mais do balcão, enquanto Nettle foi buscar um pequeno frasco de cristal cheio de um líquido clarinho e brilhante. A jovem viu-o agitar o frasco e verter umas gotas num lenço imaculadamente branco, e quis saber, intrigada:

– O que está a fazer?

– Não devemos inalar um perfume diretamente do frasco – explicou-lhe Nettle, estendendo-lhe o lenço. – Primeiro há que arejá-lo, para que o álcool evapore... e só então ele adquire a sua verdadeira fragrância. Diga-me, Miss Bowman, que fragrâncias consegue detetar neste perfume?

Até para o perfumista mais experiente era necessário um enorme esforço para conseguir isolar os componentes de um perfume composto... muitos minutos, horas até, de inalações repetidas para se conseguir discernir um ingrediente de cada vez.

Lillian baixou a cabeça para inalar a fragrância do lenço. Sem a menor hesitação, deixou Nettle boquiaberto ao conseguir identificar a mistura – com a subtil destreza de um pianista praticando escalas:

– Flor de laranja... óleo de néroli... âmbar pardo e... musgo? – Hesitou, erguendo as pestanas para revelar uns aveludados olhos castanhos que expressavam alguma estranheza: – Musgo... em perfumes?

Nettle olhou-a sem disfarçar uma expressão estarrecida. Qualquer pessoa «normal» tinha sérias limitações na capacidade de reconhecer os componentes de um odor complexo. Ele próprio talvez pudesse identificar um ingrediente primário, um aroma óbvio, como rosa ou limão, ou menta, mas as camadas e os refinamentos de uma fragrância particular estavam muito para além das capacidades de deteção da maioria dos seres humanos.

Recuperando a sagacidade, sorriu timidamente à pergunta dela. Ele tinha por hábito agraciar os seus perfumes com apontamentos peculiares que concediam textura e profundidade às fragrâncias, mas nunca ninguém havia conseguido adivinhá-los:

– Os sentidos deliciam-se com a complexidade, com as surpresas escondidas... Por favor, experimente outro...

Pegou noutro lenço lavado e impregnou-o com uma nova fragrância.

Lillian dedicou-se ao novo desafio com a mesma facilidade e naturalidade:

– Bergamota... bolbo de angélica... olíbano... – Hesitou, inalando uma vez mais, deixando que a intensa fragrância lhe enchesse os pulmões. Um sorrisinho surpreso aflorou-lhe os lábios: – E um toquezinho de café!

– *Café?* – exclamou Daisy, debruçando-se para o lenço que a irmã segurava. – Não sinto o menor cheiro a café aqui.

Lillian lançou a Nettle um olhar interrogativo e ele sorriu, confirmando-lhe as suspeitas:

– Sim, trata-se de facto de café. – Abanou a cabeça de pura surpresa: – A menina tem um dom raríssimo, Miss Bowman. Sabia disso?

Lillian encolheu os ombros e respondeu ironicamente:

– Um dom que pouco ou nada me serve na procura de um marido, temo dizê-lo. Tinha de me tocar a mim, dispor de um talento tão inútil como este. Oxalá tivesse uma bela voz ou uma beleza estonteante... Parafraseando a minha sábia mãe, «é muito pouco próprio de uma senhora gostar de cheirar coisas».

– Não na minha loja – replicou o velhote.

Continuaram a discutir aromas, como dois apreciadores de arte comentando obras num museu: os odores doces e turvos de uma floresta após uma forte chuvada; a brisa agridoce de um mar agitado; a sumptuosidade de uma trufa húmida; a onda de frio acre e fresco de um céu coberto de neve. Perdendo rapidamente o interesse, Daisy deambulou por entre as prateleiras de cosmética, abriu um frasco contendo um pó que a fez espirrar e serviu-se de uma lata de pastilhas para o hálito que começou a trincar ruidosamente.

À medida que a conversa foi fluindo, Nettle ficou a saber que o pai destas jovens era proprietário de uma empresa em Nova Iorque que manufaturava sabonetes e essências. E que Lillian havia ganho um conhecimento rudimentar sobre essências e misturas apenas de umas quantas idas ocasionais à fábrica e laboratório do pai. Tinha mesmo ajudado a desenvolver uma das essências dos sabonetes Bowman. Não tivera qualquer formação,

mas era óbvio para Nettle que a jovem se tratava de um verdadeiro prodígio. E contudo, um tal talento seria eternamente desvalorizado e desconhecido só pelo facto de provir de uma mulher.

– Miss Bowman – disse-lhe –, tenho uma essência que gostaria muito de deixar à sua aprovação. Se fizer a fineza de aguardar aqui, enquanto eu dou um saltinho ao armazém...?

Roída de curiosidade, Lillian assentiu e apoiou os cotovelos no balcão, ficando a ver o velhote sair por uma cortina que dava para os fundos da loja.

O armazém estava cheio de arquivos de fórmulas, armários com destilações e extratos e infusões, e prateleiras peçadas de utensílios estranhos, funis, frascos de mistura e copos-medida – tudo o que era necessário para o seu ofício. Na prateleira mais alta repousavam uns quantos volumes de textos antigos em francês e grego – cobertos por panos de linho. Um bom perfumista tinha de ser simultaneamente alquimista, feiticeiro e artista.

Subindo a um velho escadote de madeira, Nettle alcançou da última prateleira uma caixinha de madeira de pinho e desceu com ela. Regressando à loja, poisou a caixa no balcão. As irmãs Bowman observaram-no atentamente enquanto ele abria o pequeno trinco de latão para revelar um frasquinho selado com algodão e lacre. Aquele líquido quase translúcido representava a essência mais dispendiosa que Nettle alguma vez havia criado.

Deslacrando o frasco, o simpático velhote verteu uma preciosa gota num lenço e estendeu-o a Lillian. A primeira inalação revelou-se suave e amena, praticamente inócua. Mas, à medida que o odor foi subindo pelo nariz, transformou-se numa fragrância surpreendentemente voluptuosa, dando lugar, pouco a pouco, a uma essência agradavelmente doce.

Lillian olhou-o, maravilhada, e ainda com o lenço encostado ao nariz:

– De que se trata?

– De uma orquídea raríssima que apenas liberta o seu perfume à noite – respondeu Nettle. – As pétalas são de um branco alvíssimo, e ainda mais delicadas do que as do jasmim. E é impossível extrair-lhe a essência aquecendo os botões – são demasiado frágeis.

– E qual é a alternativa? A maceração a frio? – indagou Lillian, pensativa.

A jovem referia-se ao processo de embeber as pétalas mais delicadas em placas de gordura até estas ficarem saturadas com a sua essência, e de seguida extrair-lhes a essência pura com recurso a um solvente à base de álcool.

– Precisamente.

Lillian inspirou uma vez mais aquela requintada essência, antes de perguntar:

– E como se chama esta orquídea?

– Senhora da Noite.¹

Daisy não conseguiu deixar de rir, comentando:

– Isso soa-me a um daqueles romances que a mãe me proíbe de ler a toda a hora...

– O que eu sugeriria era usar a essência desta orquídea no lugar da lavanda, da sua fórmula – disse Nettle. – Resultaria num perfume bastante mais dispendioso, claro, mas em minha opinião seria a nota de fundo perfeita, especialmente se pretender utilizar o âmbar como fixador².

– Quão mais dispendioso? – quis saber Lillian, esbugalhando os olhos ao ouvir o valor. – Deus Todo-Poderoso... Isso é mais do que o seu peso em ouro!

Nettle ergueu o frasco à luz, fazendo o líquido brilhar e reluzir como um diamante.

– A magia não pode ser catalogada como cara ou barata, atrevo-me a dizê-lo.

Lillian soltou uma gargalhadinha, ainda que o seu olhar fascinado teimasse em não abandonar o frasco:

– Magia... – disse, em tom de escárnio.

– *Este* perfume em particular fará a magia acontecer – insistiu o perfumista, sorrindo para ela. – Aliás, estou a pensar acrescentar-lhe ainda um ingrediente secreto para potenciar os seus efeitos.

Fascinada, se bem que absolutamente cética, Lillian combinou voltar mais tarde nesse dia para levantar o perfume. Pagou pela lata de pastilhas para o hálito que Daisy abrira, bem como pela prometida fragrância.

¹ No original, *Lady of the Night*, nome comum da raríssima orquídea *Brassavola nodosa*, originária da América latina. (N. T.)

² Na perfumística, as notas olfativas dividem-se em nota de cabeça, nota de coração e nota de fundo. Os grupos de ingredientes de fixação chamam-se fixadores. (N. T.)

Finalmente saiu da loja, seguida pela irmã mais nova. Só de olhar para ela percebeu que a mente lhe fervilhava de pensamentos mágicos, fórmulas fantásticas e ingredientes secretos.

– Lillian... vais deixar-me experimentar um pouquinho desse perfume mágico, não é verdade?

– E não é meu costume partilhar tudo contigo?

– Não.

Lillian riu-se com gosto. Não obstante as pretensas rivalidades entre irmãs e umas quantas brigas ocasionais, as duas eram as maiores amigas, a eterna estrutura uma da outra. Poucas pessoas haviam amado Lillian ao longo da sua vida, à exceção de Daisy – que *amava* os rafeiros vadios mais repugnantes, as crianças mais irritantes e todas as coisas que precisavam de ser consertadas ou deitadas fora.

E ainda assim, sendo tão próximas, não podiam ser mais diferentes. Daisy era idealista, sonhadora, uma criatura volúvel que alternava entre a infantilidade caprichosa e a inteligência arguta. Lillian, por sua vez, tinha resposta pronta e língua afiada, rodeada de uma fortaleza de defesas entre ela e o resto do mundo – uma rapariga dona de um cinismo sempre atualizado e de um mordaz sentido de humor. Era profundamente leal ao pequeno círculo de pessoas da sua esfera, especialmente as amigas encailhadas, o autoproclamado grupinho de raparigas que se conheceram na última temporada dos salões de baile, enquanto esperavam eternamente sentadas pelos convites masculinos que nunca chegavam. Lillian, Daisy e as amigas Annabelle Peyton e Evangeline Jenner comprometeram-se a ajudar-se mutuamente na procura de maridos. Os seus esforços resultaram no feliz casamento de Annabelle com Mr. Simon Hunt, dois meses antes. E agora era a vez de Lillian. Claro está que, até ao momento, nenhuma delas fazia ideia de *quem caçar* nem tão-pouco tinham qualquer plano de ataque.

– É claro que te deixo experimentar o perfume – disse Lillian. – Se bem que só Deus sabe o que dali virá...

– Fará com que um duque lindo de morrer se apaixone loucamente por mim, *evidentemente* – foi a resposta pronta de Daisy.

– Já reparaste na escassez de nobres jovens e atraentes? – observou Lillian, em tom amargo. – A maioria deles são velhos e pesadões e incrivelmente entediantes... ou então têm aquele tipo de cara que devia ter um anzol na boca.

Daisy soltou uma risadinha e passou o braço pela cintura da irmã:

– Eles andam por aí, maninha, os cavalheiros perfeitos... E *nós* vamos encontrá-los.

– Como podes estar tão certa?

Daisy ofereceu-lhe o seu sorriso mais travesso, antes de responder:

– Porque temos a magia do nosso lado.